O que dizem as educadoras de creche e pré-escola sobre a infância?

What do nursery and preschool educators say about childhood?

DOI:10.34117/bjdv7n2-068

Recebimento dos originais: 21/01/2021
Aceitação para publicação: 04/02/2021

Naise Valéria Guimarães Neves
Doutoranda em Educação pela UFJF
UFV/PPGE-UFJF/LICEDH
Profª na Universidade Federal de Viçosa – MG (UFV) no curso de Licenciatura em Educação Infantil
E-mail:nneves@ufv.br

Tamires Cristina dos Reis Carlos Alvim
PPGE-UFJF/LICEDH
Mestranda em Educação pela UJF
E-mail:tamialvimped@gmail.com

Sarah Menezes Rocha
Mestranda em Educação pela UFJF
PPGE-UFJF/LICEDH/ACOLHE
E-mail:sarah.rocha@estudante.ufjf.br

Núbia Aparecida Schaper Santos
Doutora em Educação. Profª e orientadora no Programa de Pós-graduação em Educação na Faculdade de Educação (FACED) na UFJF
UFJF/FACED/PPGE/LICEDH
E-mail:nubiapsiufjf@gmail.com

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo compreender quais são as concepções de corpo, de infância e as práticas docentes produzidas pelas professoras, no que se refere às expressões da infância em dois Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs da cidade de Viçosa/MG. Para tanto, iniciamos um trabalho de formação continuada que se consolidou por meio de uma parceria entre o Grupo de Pesquisa "Linguagens, Infâncias, Cultura e Desenvolvimento Humano" - LICEDH do PPGE/UFJF e a Secretaria Municipal de Educação de Viçosa – MG. Para embasar teoricamente o trabalho e refletir sobre as expressões da infância e as dimensões do corpo nos ambientes das escolas de educação infantil, utilizamos autores como: Arroyo (2012), Tiriba (2018) Foucault (2014), Garcia-Reis e Magalhães (2018) e Bakhtin (2003). Como caminho metodológico utilizamos a pesquisa-ação de David Tripp (2005), que propõe um ciclo de ações e investigações a partir de autorreflexões coletivas sobre a prática e sobre a teoria, de forma contínua. Acreditamos que a formação continuada proporciona a essas profissionais a possibilidade

de compreensão sobre qual é o lugar da infância na vida humana, sua singularidade, sua pluralidade, sua temporalidade. Assim, caminharemos junto à intencionalidade de entendermos a criança em sua totalidade.

Palavras-Chave: Infância, Formação docente, Expressões da infância.

ABSTRACT
This article aims to understand the concepts of body, childhood and teaching practices produced by teachers, regarding the expressions of childhood in two Municipal Centers of Early Childhood Education - CMEIs in the city of Viçosa / MG. To this end, we began a work of continuous formation that was consolidated through a partnership between the Research Group "Languages, Children, Culture and Human Development" - LICEDH of PPGE/UFJF and the Municipal Department of Education of Viçosa - MG. To theoretically underpin the work and reflect on the expressions of childhood and the dimensions of the body in the environments of early childhood education schools, we used authors such as: Arroyo (2012), Tiriba (2018) Foucault (2014), Garcia-Reis and Magalhães (2018) and Bakhtin (2003). As a methodological path we use the action-research of David Tripp (2005), who proposes a cycle of actions and investigations based on collective self-reflections on practice and theory, in a continuous way. We believe that the continuous formation provides to these professionals the possibility of understanding about what is the place of childhood in human life, its singularity, its plurality, its temporality. Thus, we will walk together with the intentionality of understanding the child in its totality.

Keywords: Childhood, Teacher training, Expressions of childhood.

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

"As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem a nossa língua" (LARROSA, 1998, p.67).

Essa citação nos coloca diante de um grande desafio, pois nos leva a (re)pensar sobre nossos saberes em relação à criança e à infância principalmente no campo da formação de professores para a educação infantil.

Larrosa (1998), ainda nos coloca em situação de desequilíbrio cognitivo quando afirma que "a infância é o outro", é o que inquieta a segurança dos nossos saberes e questiona o poder de nossas práticas. Assim, motivadas por desvendar esse "enigma" e acreditando que para que as professoras da educação infantil sejam provocadas a esse (re)pensar, defendemos como necessário uma "escuta em relação às professoras" ao longo do processo de formação.

Inferimos que para as professoras compreenderem a importância de ouvir as crianças e respeitar a singularidade de cada uma, elas precisam ter sensibilidade para isso

e, portanto, precisam ser “ouvidas” também em suas singularidades. Isto é, assim como é importante ouvir as crianças, também é imprescindível que as professoras também tenham voz no processo de reflexão sobre a sua infância e sobre as infâncias das crianças. Com base nessa hipótese, iniciamos um trabalho de formação continuada que se consolidou por meio de uma parceria entre o Grupo de Pesquisa “Linguagens, Infâncias, Cultura e Desenvolvimento Humano” - LICEDH do PPGE/UFJF e a Secretaria Municipal de Educação de Viçosa – MG, junto a dois Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs da cidade de Viçosa. O curso foi desenvolvido por meio do projeto intitulado: “Com a voz as professoras! Reflexões sobre o fazer docente no trabalho com os bebês e as crianças pequenas na instituição de educação infantil”. Dentre os conteúdos programáticos do curso, propusemos, a partir das necessidades apresentadas pelas participantes, a discussão sobre um resgate da infância vivida por elas.

Com a proposta do curso buscamos provocar nas profissionais reflexões sobre a prática docente a partir de evocações que vão desde os conceitos e as memórias de infância, até a possibilidade de reflexões, (re)construções e (re)descobertas de conceitos sobre as múltiplas infâncias e suas práticas. Tal proposição se ancorou na evocação de Abramowicz (2011), ao defender que a infância ora é vista de forma singular, ora plural, e isso nos convida a pensar sobre as diversas expressões contempladas em tal campo.

Com base nas vivências formativas realizadas nos Centros Municipais de Educação Infantil do município de Viçosa – MG (CMEI) objetivamos suscitar nas profissionais participantes, sentimentos de empatia para com as crianças e proporcionar oportunidades de reconstrução da identidade docente. Arslan e Iavelberb (2006, p. 6) pontuam que “não se pode ensinar aquilo que não se conhece”, e corroborando com este pensar, inferimos que se quisermos proporcionar às crianças experiências nas diferentes dimensões de sua expressão, precisaremos sensibilizar os educadores por meio de atividades em que estes possam vivenciar as sensações e os sentimentos pelos quais as crianças poderão ser envolvidas.

Quando adentramos no campo das dimensões expressivas do corpo e no espaço que estas devem ocupar dentro dos tempos e ambientes das escolas de educação infantil, faz-se necessário promover reflexões sobre como este tema é percebido pelos educadores. Acreditamos que uma formação continuada que convida professores a refletirem sobre seus saberes e suas práticas pode ser um bom caminho para que o “conviver” e o

"conversar" com os bebês e as crianças pequenas os reaproximem no sentido de torná-las menos "desconhecidas".

As atividades desta formação continuada aconteceram no período de julho de 2018 a julho 2019. Os encontros entrelaçaram momentos de relaxamento, expressão artística e conversas temáticas e intencionais, assim como inúmeros momentos de trocas de experiências e (re)construção de novas possibilidades de ações junto ao dia a dia com as crianças. Participaram dessa formação as professoras de bebês e de crianças até 5 anos de idade, auxiliares de educação infantil, supervisoras e diretoras das duas instituições participantes. Os CMEIs estão localizados na zona urbana de Viçosa – MG em bairros considerados periféricos na cidade.

Ao longo dos encontros, as professoras, as auxiliares de educação infantil, as diretoras e as supervisoras dos CMEIs tiveram oportunidade de vivências e experiências que foram significativas para (re)inventarem suas práticas e (re)construírem seus saberes. Utilizando recursos sonoros, possibilitamos, em um dos encontros, a escuta de alguns áudios de sons que representam situações da infância, como o som de um choro de bebê e o som de um pátio escolar repleto de crianças brincando. A partir disso, questionamos sobre as memórias da infância das educadoras e as memórias das ações docentes que os sons resgataram.

Outro momento foi quando discutimos sobre as "expressões da infância" onde elas tiveram oportunidade de representarem seus saberes sobre essas expressões. Este encontro aconteceu em abril de 2019 onde buscamos problematizar sobre a temática: corpos, infâncias e as práticas pedagógicas instauradas nas creches e pré-escolas municipais de Viçosa. Após conversas a respeito desta temática, sugerimos uma escrita, em que as professoras relatassem suas concepções sobre o corpo e infância, construído por cada uma.

Dessa forma, a problemática deste artigo surge a partir da seguinte questão: quais são as concepções construídas pelas professoras de creche e pré-escola do município de Viçosa-MG sobre as expressões da infância? O objetivo da pesquisa foi identificar, através dos relatos de experiências, quais são as concepções de corpo, de infância e as práticas docentes produzidas pelas professoras, no que se refere às expressões da infância.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PERCURSOS METODOLÓGICOS

2.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Considerando as discussões acerca das infâncias, do corpo, dos espaços, práticas pedagógicas e formação docente, para embasar teoricamente o artigo, ressaltamos as intervenções de Arroyo (2012) quando aponta que ouvir o corpo da criança é fundamental. Defende a importância de "trazer para o debate os corpos com destaque para os estudos da infância e para o cotidiano do pensar/fazer político-pedagógico" (ARROYO, 2012, p. 34). Já Tiriba (2018) nos provoca quanto ao que ela denomina de "emparedamento" das crianças nas Instituições de Educação Infantil, bem como reflexões sobre as formas de organização das rotinas, os modos de relação entre adultos e crianças. Para ela precisamos apostar nas vivências das crianças com o mundo natural e possibilitar tempo e espaço para brincadeiras ao ar livre.

Para discutirmos sobre o que se refere ao aprisionamento dos corpos que em muitos casos se configura no "emparedamento" das crianças, buscamos fundamentos em Foucault (2014), ao apresentar as escolas como instituições de sequestro, onde as mentes dos alunos são governadas e seus corpos docilizados, um verdadeiro aprisionamento em uma rede de disciplina e poder. Para ele, a disciplina está diretamente ligada a um bom adestramento, portanto, quando cerceamos sua autonomia e substituímos o brincar, estamos exercendo o poder disciplinar.

Para subsidiar nossa reflexão sobre o que encontramos ao longo do trabalho de formação continuada, buscamos Bakhtin (2003), com suas perspectivas sobre linguagem e enunciado e Garcia-Reis e Magalhães (2018), quando nos revelam que: "A partir da consideração de que a linguagem é uma forma de ação no mundo, ao usá-la para relatar as suas práticas profissionais por meio da escrita, o professor poderá agir sobre seu trabalho e, assim, sobre seu desenvolvimento profissional." (GARCIA-REIS, MAGALHÃES, 2018, p. 19).

Quando mergulhamos nas inúmeras dimensões do corpo e no espaço que estes devem ocupar dentro dos tempos e ambientes das escolas de educação infantil, faz-se necessário promover reflexões sobre como este tema é percebido pelas docentes. Refletir por meio da ação em um trabalho de formação continuada possibilita que as educadoras possam compreender o que Larrosa (2002) descreve ao dizer que "é experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos

transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação" (LARROSA, 2002, p. 26).

2.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

Como dito anteriormente, a formação continuada para os profissionais dos CMEIs no município de Viçosa-MG, surge por meio de uma parceria entre a Secretaria de Educação do município e o grupo de pesquisa LICEDH/UFJF. O grupo tem buscado estudos voltados para o campo da infância, mais especificamente, sobre o atendimento nas instituições educacionais para crianças de 0 a 3 anos, problematizando diferentes questões que perpassam desde as políticas públicas até o cotidiano vivenciado nas creches pelos bebês, crianças pequenas e profissionais.

A partir dessa interlocução, foi possível a construção dessa formação continuada, pois entendemos assim como Sampaio e Santos (2018), que ao citar Garcia-Reis e Magalhães pontuam:

> [...] a construção da profissionalidade docente não é pontual e não se completa com a conclusão da licenciatura; assumindo, como Garcia (1992 apud MAGALHÃES, 2001), a perspectiva de uma "formação voltada para o desenvolvimento profissional dos professores sempre em evolução e continuidade" (SAMPAIO, SANTOS, 2018, p. 239).

Na busca dessa "continuidade" docente, a formação continuada para as professoras da Educação Infantil em Viçosa se constitui em dois Centros Municipais de Educação Infantil. Os participantes dessa formação são professoras, auxiliares de educação infantil, supervisoras e diretoras que buscam, a partir da formação continuada, a construção de novos saberes e a reflexão de suas práticas.

Para a construção deste artigo analisamos um total de onze relatos de professoras que versam sobre as concepções de expressões do corpo na infância que cada uma imprime em seu fazer docente.

Nosso caminho metodológico parte da pesquisa-ação de David Tripp (2005), que propõe um ciclo de ações e investigações a partir de autorreflexões coletivas sobre a prática e sobre a teoria, de forma contínua, para que assim o meio no qual a pesquisa é realizada possa permitir as transformações necessárias ao objetivo. As atividades de formação acorrem por meio de encontros que entrelaçaram momentos de relaxamento, expressão artística e conversas temáticas e intencionais, assim como inúmeros momentos

de trocas de experiências e (re)construção de novas possibilidades de ações junto ao dia a dia com as crianças.

Ao longo dos encontros, as professoras, as auxiliares de educação infantil, as diretoras e as supervisoras das Instituições de Educação Infantil que fazem parte do projeto, tiveram oportunidade de vivências e experiências que foram significativas para (re)inventarem suas práticas e (re)construírem seus saberes. A partir do uso de recursos sonoros, possibilitamos em um dos encontros a escuta de alguns áudios de sons que representam a infância, como o som de um choro de bebê e o som de um pátio escolar repleto de crianças brincando. A partir disso, questionamos sobre as memórias de infâncias das educadoras e as memórias das ações docentes que os sons resgataram.

Um outro momento foi a discussão sobre as "expressões da infância" onde elas tiveram oportunidade de representarem seus saberes sobre essas expressões. Tivemos representações como dobraduras, desenhos e escrita ressaltando expressões como "descoberta", "liberdade", "expressão sem pudores", "brincadeira", "respeito e cuidado", "sentir", "imaginação, criatividade, exploração, movimento, interação", etc. Após essas discussões solicitamos que as mesmas relatassem sobre as experiências e sentimentos vivenciados nesse encontro, principalmente os sentimentos relativos às expressões que elas percebem sobre as possibilidades de vivências corporais que proporcionam as crianças no dia a dia da creche e da pré-escola.

Acreditamos que esse relato se caracteriza como uma ferramenta potente para a reflexão e a construção de novos saberes docentes, pois ao analisar os fragmentos desses relatos, que se configuram como enunciados, os mesmos carregam em seu cerne hipóteses, reflexões, concepções, angústias e muitas outras possibilidades de desdobramentos de determinadas temáticas. Corroborando com o pensar de Garcia-Reis e Magalhães (2018) as professoras através da análise do relato de experiência tem a possibilidade de confrontar suas práticas de forma responsiva, conforme apontam as autoras:

Ao analisar a sua prática e pensar sobre ela por meio da atividade da escrita, o professor tem a oportunidade de rediscutir posicionamentos teóricos e orientações metodológicas, num movimento de diálogo e proposição de avanços no campo do ensino, que poderá contribuir tanto para a sua transformação profissional-e para a transformação de outros colegas professores que tenham a oportunidade de ler e refletir sobre o seu

relato-, quanto para a transformação das práticas formativas empreendidas nos espaços de educação formal. (GARCIA-REIS e MAGALHÃES, 2018, p.22).

Em vista disso, compreendendo a importância desses relatos, é que buscamos realizar a análise de fragmentos dos mesmos. Estes foram produzidos pelas profissionais participantes da formação.

Na sessão seguinte vamos nos debruçar na busca de compreender as concepções de expressões do corpo e se tal concepção reflete nas práticas das professoras presentes nas instituições em que atuam.

Sabendo da potência das falas, foram extraídos alguns trechos dos relatos de experiência dessas professoras que nos proporcionou um olhar diferenciado para entender o que se manifestou nos registros. Portanto, para preservar a identidade das docentes e a credibilidade do trabalho de formação continuada, utilizamos pseudônimos nos trechos que trazem as falas das mesmas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO - COM A PALAVRA AS PROFESSORAS!

Reafirmando o compromisso com a educação brasileira, ressaltamos a urgência de problematizar diferentes questões no campo da educação diante dos ataques vivenciados no governo vigente. Dar voz as professoras é um ato de resistência, pois são sujeitos que podem dizer com propriedade, as dimensões educacionais vivenciadas em seus cotidianos.

Dizer sobre as expressões do corpo na infância não é algo simples, requer uma sensibilidade e acima de tudo, uma responsividade, modo como cada um responde ao lugar que ocupa e ao responder assumem uma responsabilidade na existência, (Bakhtin 2003). Essas professoras assumem a responsabilidade de dizer sobre algo que as passam enquanto sujeitos de suas histórias e profissionalidades. É a partir disso que temos a possibilidade de (re)significar as concepções e as práticas docentes e ao mesmo tempo de colocar-se em estado de surpresa, de arrebatamento positivo ou negativo a um determinado tema. É um movimento estético segundo Bakhtin, algo essencial ao fazer docente. Ao evidenciar a fala dessas professoras a respeito de suas concepções sobre as expressões do corpo na infância, buscamos sem dúvida, tecer possibilidades de um (re)pensar do fazer docente.

Dessa forma, os excertos abaixo traduzem algumas concepções de corpo/infância que as professoras produzem no cotidiano de sua prática docente:

> *Percebe-se que a criança que fomos era uma criança com um corpo que não podia falar, se expressar ou movimentar. Nosso corpo era regido por regras, sanções e punições. Com isso nos tornamos adultos limitados, envergonhados e como medo de arriscar, de tentar o novo por muitas vezes. Sabendo que passamos por tudo isso e sendo o profissional que somos, entendemos que o corpo da criança ou até mesmo do adulto não deveria ser limitado. Ele deve ser respeitado, escutado e libertado para fazer o que se quer fazer e não o que querem que ele faça. (Prof. Girassol)*

> *Vivemos em uma sociedade onde existe regras e obrigações. Somos ensinados desde criança qual roupa vestir, qual religião seguir, determinado brinquedo é só de menina etc. Em casa aprendemos uma forma e nem sempre questionamos. O estilo de vida que levamos nem sempre nos agrada, mas é o que a maioria entende como certo. Os pais sempre compram bonecas para as meninas sem perguntar se elas realmente preferem esse tipo de brinquedo somente. E assim vamos podando nossos corpos desde cedo, sem questionar se realmente estamos felizes com o que nos é imposto pela sociedade. (Prof. Azaleia)*

As questões sobre a infância e o corpo se revelam presentes nas narrativas acima, evidenciando como a relação com o corpo para essas docentes é pautada nas regras impostas pela sociedade, nas determinações que modelam e disciplinam o corpo. E é isso que aponta Foucault quando diz que: "A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)". (FOUAULCT, 2014, pp. 135-136).

Destaca-se ainda, que mesmo com a convicção que os corpos são docilizados em prol de uma sociedade "bem alicerçada" a professora compreende a importância de um olhar sensível para esse corpo, suscita a relevância de se ter liberdade para fazer o que se quer fazer. Essa reflexão possibilita a construção de uma prática docente receptiva às questões do corpo. Portanto, corroborando com o pensar de Tiriba (2018) que nos evidencia a magnitude que é dizer sim as vontades do corpo entendemos que:

Para desenvolver metodologias de trabalho comprometidas com a educação de pessoas que sejam sujeitos de seus corpos e de seus movimentos, antes de qualquer coisa, seria necessário assumi-las como sujeitos dos espaços onde vivem e convivem. Pois as crianças vão construindo conhecimento, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo. Experiência vivida num universo de corpos que tocam, olham, cheiram, comem e escutam. (TIRIBA, 2018, pp. 248-249)

Precisamos compreender esses sujeitos como corpos/infâncias de direitos, sensíveis em suas singularidades. As múltiplas infâncias e os múltiplos corpos se fazem presentes nas diversas instâncias da sociedade, onde os corpos-infâncias quilombolas,

indígenas, do campo, da periferia e muitos outros, precisam ter visibilidade e não podem ser mais precarizados. (ARROYO, 2012).

Dando continuidade da análise, no fragmento do excerto seguinte, a professora relata sobre sua infância, sobre como o brincar possibilita descobertas que transitam em suas memórias na atualidade e como que, ao ser tornar adulta, sua liberdade foi sendo cerceada,

> *[...] hoje descobri que as marcas na minha pele revelam o quanto fui livre para brincar [...] A felicidade se resume em sujar de terra para pegar tatu-bolinha e fazer de comidinha para as minhas bonecas e amigas [...] Ah que saudades da minha infância! Ainda hoje continuo a brincar, porém a inocência se foi e a vergonha e os pudores dominam a minha liberdade. Com o passar dos anos alguns danos se acumularam e o lugar que habito a tanto tempo se transformou e enrijeceu. (Prof. Jasmim)*

Mesmo continuando a brincar, como a professora Jasmim expõe, esse brincar não é mais livre e vem carregado de angústias. O brincar da infância já não é mais possível, ele é substituído por um brincar amedrontado, pois:

> Os movimentos de liberdade e expressividade das crianças assustam os adultos; talvez porque, numa sociedade marcada por controle e racionalidade, perderam o contato com as sensações, as conquistas de que são fruto e caminham juntos com a liberdade e a expressividade: como é difícil deixarmo-nos alegrar, afetar, libertar das amarras, ao império do relógio, ao tempo da produção (TIRIBA,2018, p.246).

Na direção de (re)pensar o fazer docente, as narrativas abaixo nos revelam que as professoras se tornam responsáveis pelos seus atos e falas, entendendo a importância de refletir sobre sua prática:

> *Viemos de uma criação diferente, onde temos várias marcas do passado, na qual reproduzimos nos dias atuais. Às vezes sem perceber, nós enquanto educadores aprisionamos as crianças com os nossos costumes. Percebo que devemos fazer a diferença, não repetindo o que "todo mundo faz". Na teoria é muito fácil dizermos que a criança tem liberdade de expressão. Mas na prática muita das vezes agimos no automático, como se a criança fosse um robô. É necessário que haja uma transformação verdadeira e que velhos hábitos sejam abandonados. Quero fazer a diferença na minha sala e nas outras dependências da escola. Mas tenho muito que aprender, porque a cada dia o desafio fica maior [...] (Prof. Tulipa)*
> *Muitas vezes em nossa prática pedagógica somos como o tempo, ofertamos marcas em nossos educandos, ficamos aprisionados nesses velhos costumes, nessa cultura. (Prof. Margarida)*
> *Sorte a minha por ser cercada de crianças e escolher a cada dia mudar minha realidade no ato de educar e cuidar. (Prof. Rosa)*

A partir da análise desses excertos, podemos inferir que a concepção de corpo/infância se faz presente na fala e reverberam nas práticas docentes, tomando como pressuposto já mencionado de que as expressões do corpo na infância se originam em um processo de relações sociais que marcam a subjetividade de cada ser. Podemos compreender que ao buscar no passado, na própria infância, a concepção de corpo se configura como um ato de confrontação com a contemporaneidade, surgindo assim, uma possível ressignificação de suas concepções. Atrelado a isso, a prática docente se torna passível de mudança, de transformação nos velhos hábitos oriundos da escola.

Diante desses medos e angústias, o fazer docente se torna um grande desafio, por isso refletir sobre sua prática pode ser uma potente possibilidade para a busca de alternativas que valorizem o contato com a natureza, com o brincar livre, e o entendimento que o desenvolvimento de uma criança está para além das paredes das escolas, está em buscar um sujeito que experienciará o mundo, terá consciência de si e do outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procurarmos compreender as concepções de corpo/infância dando voz as professoras participantes desse processo formativo, buscando identificar se essas concepções reverberam em suas práticas docentes as análises dos relatos escritos pelas próprias docentes, nos possibilitou perceber a relação existente entre o brincar, o corpo e a infância que se configuram como alicerce para a prática cotidiana na instituição de educação infantil, a partir das ideias formuladas a respeito da temática.

As narrativas delas possibilitaram profundas reflexões sobre como suas ações na prática docente estão carregadas de suas vivências na infância. Isso envolve a maneira como experienciaram situações com as expressões de seus próprios corpos na infância.

Foi significativo perceber o quanto, para elas, esse universo infantil é desafiante e para algumas, desconhecido. Um fato marcante ao longo das narrativas foi o uso de termo como “sensibilidade” do adulto para com as crianças. Isso pode revelar uma disponibilidade das profissionais em perceber, de maneira diferenciada, as experiências de cada criança com suas particularidades.

Fica evidente que as relações de poder existentes na sociedade impactam significativamente no modo de vida e na atuação profissional das professoras. As questões disciplinares, as regras estipuladas e até as punições atravessam o cotidiano

pessoal e escolar destas profissionais. Entretanto, a partir da análise foi possível perceber também que, apesar desse cerceamento, existem possibilidades de transgressões, de uma escuta atenta para os desejos do corpo, para o livre brincar e para a construção de infâncias e sujeitos mais sensíveis ao outro.

É possível inferir que a partir desse olhar atento para as demandas das expressões do corpo na infância, as professoras têm a oportunidade de refletir e (re)significar sua prática, compreendendo as infâncias e os corpos presentes no âmbito educacional tornando-os visíveis e não mais precarizados.

Dentro desse panorama, nos foi possível elucidar as concepções e práticas das professoras de creche e pré-escola dos CMEIs pesquisados do município de Viçosa, que, por sua vez, nos possibilitou levantar questões relevantes quanto à infância, o brincar, a relação com o corpo e o fazer docente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs). **Sociologia da infância do Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p.17-26.

ARROYO, Miguel Gonzalez; SILVA, Maurício Roberto da (Orgs.). **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARSLAN, L. M. e IAVELBERG, R. **Ensino da Arte**. São Paulo: Thompson Learning, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**.42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GARCIA-REIS, A. R.; MAGALHÃES. T. G. As experiências de escrita na formação de professores de Língua Portuguesa: uma prática no curso de Letras da UFJF. In: **Letramentos e práticas de ensino**. Campinas, SP: Editora Pontes, 2016. p. 35-52.

LARROSA, Jorge, LARA, Nuria Pérez. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998a.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

SAMPAIO, T. F.; SANTOS, D.A integração entre a formação inicial e a continuada como um espaço de autoformação profissional permanente**. Escrita de docentes em formação: compartilhando saberes em relatos de experiência**. 1. ed. Campinas: Editora Pontes, 2018, v. 1, p. 237-259.